

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IDOSO NO FACEBOOK: UMA REFLEXÃO À LUZ DA PRÁXIS ENUNCIATIVA

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA*

Universidade de São Paulo (USP), Programa de Linguística, São Paulo, SP, Brasil.

Professor do programa de mestrado da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, PI, Brasil.

Recebido em: 31 mar. 2025. Aceito em: 6 fev. 2026.

Como citar este artigo: SOUSA, R. I. de. A construção da imagem do idoso no Facebook: uma reflexão à luz da práxis enunciativa. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 1, p. 131-148, jan./abr. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n1p131-148

Resumo

Partindo do pressuposto de que o sujeito da internet tem a ilusão de liberdade, podendo forjar e imitar outros sujeitos, analisamos como o ator coletivo da “Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia”, na prática da interação *on-line* do Facebook, constrói e difunde simulacros sobre o idoso. Para tanto, baseamo-nos no aparato teórico-metodológico da semiótica discursiva francesa e em seus desdobramentos práticos, recorrendo a representantes como Bertrand, Barros, Discini, Fiorin, Fontanille, Zilberberg, Greimas e

* E-mail: isidio@ccm.uespi.br
 <https://orcid.org/0000-0002-9712-0791>

Courtés. O *corpus* foi extraído da página do grupo mencionado, por mobilizar uma grande quantidade de seguidores e pela apresentação de postagens que condensam simulacros sobre o idoso, tendo como estratégia discursiva o humor. Em análises, constatamos a construção de uma imagem exacerbada que sanciona disforicamente o idoso internauta, uma vez que ele é visto e percebido pelo ator coletivo como um sujeito modalizado pelo não saber fazer: por não saber operar as tecnologias, por estar relacionado a doenças e por não ter letramento digital. Tudo isso tonifica estratégias de naturalização de estereótipos e do preconceito contra o idoso internauta.

Palavras-chave

Práxis enunciativa. Facebook. Idoso.

PARA INICIAR

O sujeito é um actante que se percebe e, também, percebe o outro na ordem da experiência de um sujeito-no-mundo. O corpo se confunde com o próprio sujeito, porque o corpo é o elemento que faz o sujeito reaprender a experiência de estar no mundo. Essa perspectiva ajuda na compreensão a respeito da percepção de que o jovem/não idoso se desenvolve ao sentir as coisas do mundo, enquanto axiologiza e constrói simulacros sobre o idoso internauta nas relações interativas intercambiadas pela internet. Nesse sentido, propomos, neste artigo, a responder às seguintes questões:

- Como o idoso, sujeito de quem se fala, é construído sob que efeito de identidade?
- Que valores ideológicos são convocados pela práxis enunciativa que tonifica trocas discursivas na comunicação *on-line*?

Nosso objetivo é analisar a construção da imagem sobre o idoso, seu perfil identitário e os valores ideológicos a ele atribuídos, em postagens da página do grupo do Facebook, intitulada “Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia” (<https://www.facebook.com/idososconfusos>), criada em 24 de julho de 2019. Ela também é chamada “*Site* de entretenimento”, com 113 mil seguidores em 2 de março de 2025, e possui a conta no Instagram

“<http://www.instagram.com/idosos.confusos>” e no antigo Twitter “twitter.com/idososconfusos”. Vemos que essa página possui um corpo que se alonga em diversas plataformas digitais e, assim, constrói e difunde imagens sobre o idoso. O aparato teórico-metodológico e analítico está fundamentado na semiótica discursiva de tradição francesa e em seus desdobramentos práticos, representada pelos autores: Bertrand (2003, 2016), Barros (2002), Discini (2013), Fiorin (1992, 2006), Fontanille (2008, 2015, 2017), Fontanille e Zilberberg (2001) e Greimas e Courtés (2016).

É inegável a importância da tecnologia para o homem na contemporaneidade, e a internet é um dos objetos-suporte que têm possibilitado a interação e a sociabilidade entre os sujeitos, em razão de diferentes fatores: a flexibilização da acessibilidade (*on-line*, *off-line*), a comunicação (síncrona e assíncrona), os efeitos de presencialidade e de espacialidade, entre outros.

O pertencimento às redes sociais surge como tônica da inclusão social (especialmente por conta do aparato digital *on-line*) que remete a uma cultura imediatista, à “cultura da participação”¹, como sendo uma marca da atualidade: “aqui, tudo ao mesmo tempo e agora”. O presente presentificado e o espaço categorizado como um *continuum* aqui parecem estar alargados, prolongados, estendidos numa profusão que aparenta ser ilimitada.

De acordo com a legislação brasileira, especificamente a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), a referência cronológica para que a pessoa possa ser considerada pessoa idosa é a partir dos 60 anos. Essa lei regula o direito do idoso e sistematiza iniciativas governamentais para a proteção ao idoso, prevendo ações em diversos campos, como saúde, educação, cultura, esporte, lazer, entre outros.

Dentro de uma conjuntura de rede discursiva que envolve o idoso, podemos salientar que a sociedade organiza redes discursivas voltadas para o “acolhimento” do idoso, ao considerar que o mundo está envelhecendo. Essa organização passa por uma ordem discursiva que, ao mesmo tempo que

¹ A noção de *cultura de participação* foi captada do *e-book* intitulado *Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital: NEPCED na escola*. No *e-book*, Douglas Calixto (2022, p. 72) a define como o “conjunto de atividades que mobiliza os sujeitos sociais, ativando signos e formas de interação na internet. A cultura de participação oferece as condições para a construção de processos coletivos na sociedade. Sejam memes, sejam livros digitais, a internet convida os usuários a colaborarem em sistemas participativos, nos quais todas e todos podem assumir o protagonismo das ações. [...] As tecnologias são formatadas para favorecer a participação. Os botões de curtir, compartilhar, comentar ou ‘reagir’ servem para criar os estímulos necessários para que os usuários sintam-se parte do processo comunicativo”.

propõe espaço e acolhimento para a pessoa idosa, também a silencia ao pre-conceber formas de ser idoso, de crer e de estar no mundo. Sob a perspectiva do acolhimento, a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu, em dezembro de 2020, a *Década do Envelhecimento Saudável nas Américas: 2021-2030*, tendo como um dos objetivos “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento”. E como essa página do grupo do Facebook alinha-se ou não a esse objetivo?

Na internet, a imagem construída para o idoso em grupos de relacionamento ajuda a perceber como os discursos movem determinada práxis enunciativa e como essa confirma uma apreensão extensiva a domínios e esquemas preconcebidos ou transforma discursivamente determinados simulacros. É nesse sentido que iremos analisar como a práxis enunciativa da página do grupo articula discursos inscritos na memória social e os atualiza na voz de atores internautas.

Este artigo está dividido em quatro partes: a primeira trata desta introdução, que apresenta o objeto de estudo, as questões norteadoras, as informações sobre o *corpus* e a metodologia; a segunda aborda a práxis enunciativa e o estereótipo como componente desta; a terceira analisa as postagens; e a quarta condensa, na forma de conclusão, as axiologizações sobre a imagem do idoso na página do grupo.

A PRÁXIS ENUNCIATIVA

Bertrand (2003, p. 85) concebe a práxis enunciativa como “uma força regente de uso”, comandada pelo “exercício do discurso”. Ela está imbricada com o ato de enunciação. Para o autor,

Compreende-se que a enunciação individual não pode ser vista como independente do imenso corpo das enunciações coletivas que a precederam e que a tornam possível. A sedimentação das estruturas significantes, resultante da história, determina todo ato de linguagem. Há sentido “já-dado”, depositado na memória cultural, arquivado na língua e significações lexicais, fixado nos esquemas discursivos, controlado pelas codificações dos gêneros e das formas de expressão que o enunciador, no momento do exercício individual da fala, convoca, atualiza, reitera, repete ou, ao contrário, revoga, recusa, renova e transforma (Bertrand, 2003, p. 87).

A práxis enunciativa tanto mobiliza construtos sociais, inscritos na memória e imaginários coletivos considerados como sentido “já dito”, como fórmulas estereotípicas, quanto possibilita mudanças desses sentidos, desses estados, haja vista se inscrever no *continuum* das enunciabilidades. Enquanto o princípio da imanência vale-se de uma certa programação da enunciação enunciada, a práxis enunciativa instala-se na relação entre o *continuum* e o *descontinuum*, nas imprevisibilidades enunciativas; em outras palavras, na intermediação entre a imanência e a manifestação. Dessa forma, a práxis enunciativa conjunge enunciações pretéritas e concomitantes para instaurar a ordem do *continuum*.

Uma questão diferencial entre a imanência na semiótica discursiva e a imanência na perspectiva da práxis enunciativa se assenta na distensão da temporalidade própria do texto-enunciado, ou melhor, o texto-enunciado possuindo uma organização temporal que está diretamente ligada à efetivação das práticas. Nesse sentido, Fontanille (2017, p. 987) destaca que

A práxis enunciativa rejeitou então os limites da textualidade: cada enunciação particular encontra-se em perspectiva na profundidade temporal de enunciações concomitantes, anteriores e até mesmo posteriores. Tanto as estereotipias como as inovações, tanto as menções retrospectivas como as menções prospectivas, todos esses movimentos da práxis enunciativa distendem a temporalidade própria ao texto e fazem-na participar de um regime temporal que pertence a outro plano de imanência: aquele, precisamente, das práticas.

A práxis enunciativa constitui-se de um estatuto dinâmico, pois convoca tanto valores estabilizados, formulações estereotípicas cristalizadas na língua, quanto inovações, ressemantizações de formas e de estruturas, e esse movimento implica uma tensão entre a construção de uma estabilização e uma desestabilização de formas, estruturas e discursos. Conforme Fontanille (2017, p. 998), “a práxis enunciativa se caracteriza também, e sobretudo, por sua contribuição às inflexões e reconfigurações dos primitivos culturais”.

Bertrand (2016), no artigo “Enunciação: espinha dorsal ou ponto cego de uma teoria do sentido?”, destaca a enunciação como mola sob a qual emerge o “dizer do sensível”, configurando uma “relação indissociável entre corpo e linguagem”. A enunciação, segundo o autor, ao mesmo tempo que é mola também é ponto cego, porque dá margem tanto a uma tentativa de objetivação quanto de subjetivação discursiva. Ele desdobra a enunciação nos níveis do

percurso gerativo da significação, situando determinadas instâncias enunciativas nesses patamares.

Bertrand (2016) homologa o percurso gerativo da significação, matriz teórica da semiótica greimasiana, a um modelo gerativo da enunciação. Neste, a enunciação advém de um nível profundo, que consiste na práxis enunciativa, passa pelas operações enunciativas e pelas instâncias de virtualização e atualização, que correspondem ao nível semionarrativo, e chega à textualização, que equivale ao nível discursivo. A enunciação, para o autor, é uma instância na qual se presentificam os níveis discursivo, fundamental e semionarrativo, e todos eles se encontram inter-relacionados.

A práxis enunciativa, conforme Fontanille (2017, p. 987), “implica assim cadeias de operações, organizadas no tempo coletivo, e uma capacidade de criação e de renovação na produção das figuras do sentido, sob a coerção de condições culturais”. Para o autor, “a práxis enunciativa faz explodir os limites da imanência temporal do texto propriamente dito”² (Fontanille, 2008, p. 80, tradução nossa). No artigo “A análise das práticas: o percurso do sentido”, Fontanille (2010, p. 15, tradução nossa) acentua que “O curso das práticas desenrola-se entre uma pressão reguladora externa (a programação) e uma pressão reguladora interna (o ajustamento), entre a regulação *a priori* e a regulação em tempo real, vista *a posteriori*”³.

A força regente da práxis enunciativa articula duas grandes operações, conforme Fontanille e Zilberberg (2001): a intensidade e a extensidade, desdobradas em:

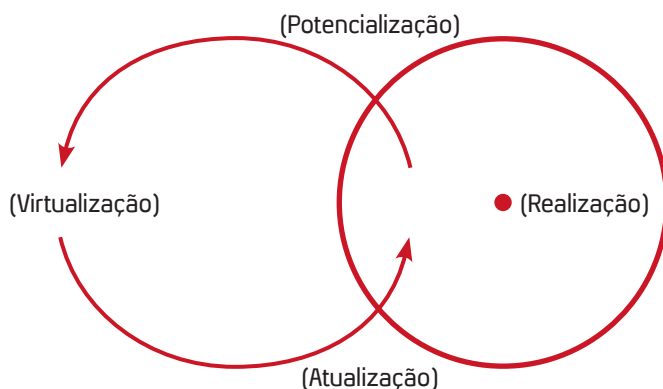
- a) “operações intensivas”, que remetem à sintaxe intensiva da práxis, as quais articulam as tensões entre as modalizações existenciais.

Para demonstrar a natureza da práxis enunciativa como movimento de articulação entre os modos de existência, Fontanille e Zilberberg (2001) apresentam o seguinte esquema:

2 “[...] la praxis énonciative fait exploser les limites de l’immanence temporelle du texte proprement dit.”

3 “Le cours des pratiques se déploie entre une pression régulatrice externe (la programmation) et une pression régulatrice interne (l’ajustement), entre le réglage *a priori* et le réglage en temps réel, voire *a posteriori*.”

Figura 1 – Modos de existência da práxis enunciativa



Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 185).

Os modos de existência remetem aos modos de presença, operados numa relação contínua. O modo atualizado pressupõe o virtualizado; o realizado, o atualizado; o virtualizado, o potencializado. Esse movimento constitui a dinâmica da práxis enunciativa e é por meio desta que o discurso atualiza o sistema.

- b) “operações extensivas”, que remetem à extensão e à quantidade e “referem-se tanto à percepção dos estados de coisas (unitários, parciais, holísticos) quanto à enunciação, pois que a debreagem é, em si própria, pluralizante, e a embreagem, homogeneizante” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 187).

Consoante os dois semioticistas, a práxis enunciativa possui também duas operações típicas: a) a amplificação e a atenuação — na relação conversa; b) a somação e a resolução (ou o desdobramento) — na relação inversa (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 179).

A amplificação e a somação relacionam-se a um crescimento da intensidade, e a atenuação e a resolução, a uma contenção da intensidade. Essas operações potencializam a práxis enunciativa em esquemas tensivos.

Como a práxis organiza o discurso numa dimensão cíclica ao reintegrar ao uso formas significantes esquematizadas, os estereótipos fazem parte do processo da práxis enunciativa e são convocados para atualizar o discurso. Eles pertencem ao universo da cultura, fixam-se na língua, no imaginário social e se estruturam como valores que são alimentados e retroalimentados na

comunicação. Eles circulam nos enunciados a partir das figuras e dos temas no nível do conteúdo, e se inscrevem em formações discursivas que remetem ao universo ideológico e cultural do sujeito enunciatador.

O enunciatador pode, por meio dos temas e das figuras, compor e organizar, como estratégia enunciativa, uma identidade do objeto, apoiada em dizeres e em imagens construídas socialmente, uma vez que a enunciação individual não escapa da relação com a cultura e com outras enunciações que atualizam os usos discursivos, retomando-os ou ressignificando-os na práxis enunciativa. Os estereótipos fazem parte do corpo que sedimenta as estruturas significantes, resultantes “da história” e do uso da linguagem.

O uso de estereótipos marca uma relação do enunciatador com a formação axiológica que fundamenta sua tomada de posição, mediante a recorrência dos atos de discurso para semiotizar determinado objeto e projetá-lo em determinada práxis enunciativa. Esses usos não são exclusivamente da esfera individual, mas tomam corpo nas enunciações coletivas, fixando-se e circulando no imaginário cultural como um *continuum* de significações. Consoante Nascimento (2004, p. 196), o imaginário cultural “é um arquivo de linguagens de determinada cultura, figuras e percursos recorrentes”.

Em semiótica discursiva, as formas cristalizadas, como os estereótipos e as fraseologias, figuram como “universais” ou “primitivos” e compõem a dimensão axiológica do discurso. Quando convocados pela práxis enunciativa, os estereótipos mudam da condição de primitivo para objeto do nível semionarrativo e depois se convertem no nível discursivo. Para Fiorin (1992, p. 62), os estereótipos são “figuras e temas tornados lugares-comuns numa dada cultura”, e eles circulam no imaginário social. A seguir, trataremos da análise do *corpus*.

AS DISCURSIVIZAÇÕES SOBRE O IDOSO E A PRÁTICA DO FINGIMENTO

As axiologias inscritas no discurso do grupo, convocadas pela práxis enunciativa, permitem compreender como o enunciatador coletivo diz o que diz da forma como enuncia, resgatando outros discursos, outros sujeitos, para significar o mundo, especialmente para construir simulacros sobre o idoso internauta. Analisaremos a seguir como o enunciatador da página do grupo, considerado como ator coletivo, mobiliza dizeres convocados pela práxis

enunciativa da interação digital *on-line*, a partir dos gestos práxico-enunciativos das postagens.

Figura 2 – “Dentadura nova, troco por uma cafeteira!”



Fonte: “Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia”. Disponível em: <https://web.facebook.com/idososconfusos/photos/639856963621288>. Acesso em: 4 out. 2024.

Em relação às marcas da interação obtida a partir do ato de *postar*, essa cena gerou 70 curtidas, 22 comentários e seis compartilhamentos. As curtidas estão materializadas nas reações: 57 🤪 (“haha”), 12 👍 (“curtir”) um ❤️ (“amei”).

Quanto ao título principal do *post*, o tom risível da fala do postador “TROCO POR CÉLULA. NOVO DE. PREFERENCIA. 🤪🤪” introduz o diálogo do grupo e reforça a isotopia figurativa da dentadura como objeto de troca. O riso é ativado pela inviabilidade de a prótese ser trocada, uma vez que ela é feita sob medida a partir de moldes. Os dois *emojis* de beijo 🤪🤪 já iconizam o riso e servem como estratégia de textualização para figurativizar e marcar o humor no enunciado.

A opção do postador por colocar a prótese dentária total como objeto de negociação no texto suscita uma relação metafórica entre a fotografia e o idoso. A prótese aciona uma disforização da imagem do idoso, que pode sustentar um preconceito que, somado a outros efeitos, possibilita relacionar a velhice à pobreza e a um baixo nível social. O grupo vincula a dentadura à imagem do idoso em geral, o que permite dizer que os atores da página do grupo são desatualizados,

porque não acompanham os desdobramentos eufóricos da velhice na contemporaneidade coadunados com os efeitos da longevidade.

Entre os papéis do semiótico está o de refletir sobre como a práxis enunciativa mobiliza dizeres inscritos na língua, na cultura e na sociedade, e como eles constituem engendramentos da significação na contemporaneidade. Para Fiorin (2006, p. 55), “a sociedade transmite aos indivíduos certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. [...] Os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social”.

O tom de brincadeira faz com que os estereótipos se impregnem tonicamente no texto-enunciado e se propaguem nas interações, nas redes sociais, conforme podemos constatar pelas curtidas, pelos comentários e compartilhamentos. O humor consiste, nesse discurso, em um mecanismo de ampliação e de consolidação do preconceito. Os gestos dos interlocutores fingidores constituem “um movimento grotesco do riso” (Discini, 2013, p. 255), que relativiza o ser do outro sob o olhar de quem se considera superior.

Na esfera temático-figurativa, o enunciador do grupo reitera, na Figura 3, o domínio da práxis enunciativa que remete a imagem do idoso à doença pela relação entre os lexemas “Netflix”⁴ e “dorflex”⁵, conforme apontam a postagem e os comentários a seguir:

Figura 3 – “A senhora tem Netflix?”



Fonte: “Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia”. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

4 Empresa que disponibiliza ao assinante filmes e séries de televisão.

5 Medicamento contra dor de cabeça e dor muscular.

A situação semiótica apresentada, configurada a partir da cena *postar*, está registrada na página-tela, constando 519 curtidas, 57 comentários e 197 compartilhamentos. O tipo de curtida por quantidade está distribuído sob a forma de 381 😄 (“haha”), 108 👍 (“curtir”), seis ❤️ (“amei”), um 🤪 (“força”) e um 😞 (“triste”).

Cabe destacarmos o impacto que a cena *compartilhar* (197 compartilhamentos) implica nesse conjunto significante, uma vez que o *post* foi compartilhado com 197 ambientes. Essa cena constitui um fazer participativo que pressupõe uma identificação do compartilhador com o discurso que o texto-enunciado veicula. *Compartilhar* implica, portanto, difundir valores, preconceitos, ideologias, axiologias etc.

Em termos de sintaxe discursiva, a cena *compartilhar* pode implicar uma diminuição na oposição entre o *lá* (os outros ambientes possíveis) e o *aqui* (o ambiente onde se encontram os objetos a serem compartilhados), ou seja, *compartilhar* estende o *aqui*, provocando um efeito de aproximação entre o *lá* e o *aqui*, uma vez que o signo-figura *compartilhar* é clicável, potencializado por uma hiperligação. *Compartilhar* é uma cena que se constitui como um invólucro de um texto-enunciado e enunciável.

Na Figura 3, o postador apresenta, como início de diálogo, a pergunta “Serve. dorflex???” e, em seguida, as mensagens, aparentemente extraídas do aplicativo de troca de mensagens de WhatsApp, que simulam uma conversa entre uma avó e um neto. A conversa tematiza a incompreensão da avó em relação ao termo “Netflix”. Ao responder à pergunta do neto “A senhora tem Netflix?”, a idosa informa que possui um medicamento contra dor. Esse fato relaciona a imagem do idoso à doença, bem como à falta de conhecimento sobre meios tecnológicos, como a Netflix, que é uma plataforma de serviços de vídeos *on-line* de filmes, séries, documentários etc.

Nos comentários, em resposta à pergunta do postador, algumas medicações para dor são lembradas, como “Neusoldina” (Neosaldina)⁶, “para celta mou” (Paracetamol)⁷ e “dipirona” (Dipirona)⁸. Nessa configuração, a práxis enunciativa convoca dizeres que constroem um posicionamento discursivo sobre o idoso cuja imagem está relacionada ao uso de medicamentos.

6 Medicamento contra dor de cabeça.

7 Medicamento contra febre e dores leves.

8 Medicamento contra febre, dor de cabeça, dor muscular e cólicas etc.

O comentador “Lucas Eduardo” apresenta, além do nome do medicamento, o modo de prepará-lo, e a comentadora “Thuany Gama” indica outra forma de combater a dor. O conjunto dos comentários desenvolve a isotopia da saúde introduzida na postagem do grupo como forma de intensificar o arranjo semântico da relação entre idoso e doença.

Todos os comentários convergem para uma mesma posição, com certo grau de homogeneidade, o que demonstra que o discurso nesse conjunto significativo é regido pela lógica implicativa ao reiterar a forma de perceber e de valorar o *modus vivendi* do idoso numa sociedade que prega e julga o idoso como diferente, incapaz.

Não se trata de um olhar isolado do enunciador, mas de uma operação que está repetida no nível dos textos-enunciados. A escolha por determinada isotopia já demarca uma estratégia persuasiva no discurso, reforçando o projeto enunciativo do enunciador, cuja posição se pauta pela triagem do objeto.

A seguir, temos uma imagem cujos dizeres relacionam o internauta idoso ao uso da tecnologia, projetando efeitos de sentido que ratificam o fazer persuasivo e o fazer interpretativo veiculados no grupo, que é base para a construção do contrato fiduciário. Parece que o fazer persuasivo e o fazer interpretativo, no nível da enunciação, estão altamente comprometidos com valores de triagem que contemplam o velho como necessariamente excluído do “funcionamento saudável” da sociedade.

Mediante a lógica do contrato, o enunciatário é convocado a interpretar o contrato como um sujeito sobredeterminado pelo saber-fazer, ou melhor, fingir ser idoso confuso com a tecnologia.

Figura 4 – “não consigo Baixa o whatsapp”



Fonte: “Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia”. Disponível em: https://web.facebook.com/idososconfusos?_rdc=1&_rdr. Acesso em: 7 mar. 2020.

As marcas da interação do conjunto significativa estão configuradas pelas seguintes inscrições: o *post* com 235 curtidas, 46 comentários e 27 compartilhamentos. As curtidas estão representadas por 144 😄 (“haha”), 65 👍 (“curtir”), 22 😞 (“triste”) e quatro 🙏 (“força”).

O enunciado-base da postagem “não consigo Baixa o whatsapp”, em termos narrativos, remete a um sujeito que se encontra em disjunção com o objeto-valor: saber operar a tecnologia. Ao modo de dizer, subjaz uma posição enunciativa que percebe o idoso desprovido de um saber-fazer, o que implica dizer que o idoso é um sujeito virtual.

No texto-enunciado da postagem, inscreve-se o programa narrativo que institui o actante-sujeito (o idoso) como não competente para desenvolver a *performance*, ou seja, um sujeito de estado que não pode transformar-se em um sujeito do *fazer* (Barros, 2002). Então ele continua no *status quo*, modalizado pelo *querer e não saber fazer*. O que então esse estatuto implica em termos de conversão do nível narrativo para o nível discursivo? O *não saber fazer*, no discurso, é ratificado por dizeres, figuras e temas que predicam e qualificam o idoso como inábil com a tecnologia e ingênuo em relação a algumas questões, como: a) a ingratidão dos netos; b) a durabilidade de um aparelho para ser considerado novo; c) a referência a determinado tipo de celular não mais fabricado; d) a inabilidade com a escrita (falta do morfema do infinitivo verbal “r” em “baixa”, “fala”, entre outras ocorrências); e) o uso da tecnologia.

A práxis enunciativa e a configuração discursiva⁹ em questão formam a imagem de um idoso desatualizado em relação à tecnologia, desorientado. O humor é uma estratégia discursiva que se apresenta como regularidade enunciativa dos interlocutores que simulam o idoso em situação vexatória e risível.

Ao contrário do que poderia implicar, o *querer-saber* não está manifestado linguisticamente na marca “-ria” do verbo “Gostaria” do enunciado “Gostaria de fala com. Assistência técnica? Meus neto. Ingratos. Não. Me. Ajuda”. Ela sinaliza um efeito de polidez ao dito: um pedido de ajuda. Para Fontanille (2015, p. 169), a marca “ria”, como está inscrita, constitui “uma modalidade de atenuação argumentativa e que produz uma distância enunciativa e um valor probalístico”. O enunciado que acompanha o *post* não se fundamenta na

9 Segundo Greimas e Courtés (2016, p. 87), as configurações discursivas são “como espécies de micro-narrativas que têm uma organização sintático-semântica autônoma e são suscetíveis de se integrarem em unidades discursivas mais amplas, adquirindo então significações funcionais correspondentes ao dispositivo de conjunto”.

modalidade do *querer-saber*, pois o *querer-falar com a assistência técnica* não produz um efeito da modalidade do *saber*, mas reforça a modalidade do *não saber fazer*, reiterando assim a prática semiótica estabelecida para a projeção da imagem do idoso no texto-enunciado.

Em “Gostaria de fala com. Assistência técnica?”, temos uma embreagem temporal, porque há a neutralização do presente do indicativo (Eu quero falar com a assistência técnica) e a substituição desse tempo pelo futuro do pretérito para indicar pragmaticamente um pedido, um desejo. “Gostaria de falar” não tem o mesmo efeito de “Gosto de falar”, porque esta última forma não remete a um pedido do ator, e sim, sobressai nela o efeito aspectual durativo do verbo.

As falas “não consigo Baixa o whatsapp” (no *post*) e “Gostaria de fala com. Assistência técnica? Meus neto. Ingratos. Não. Me. Ajuda” (no enunciado introdutor do *post*) sugerem um efeito de aproximação entre o interlocutor e o interlocutário por meio das marcas de primeira pessoa nos verbos “consigo” e “Gostaria” e dos pronomes “Meus” e “me”.

O uso da debreagem interna para dar corpo à postagem principal do grupo é uma estratégia discursiva para marcar a instalação do *eu* que fala no texto-enunciado. A debreagem é um mecanismo recorrente na tessitura textual como forma de figurativizar a relação entre o interlocutor e o interlocutário, bem como para demonstrar a convergência do dizer do enunciador que está reverberado pelo modo de enunciar.

A recorrência ao não uso formal da norma-padrão da língua culta ratifica um modo de dizer marcado por um perfil de escrita que, pela proximidade fonológica das palavras, reafirma as isotopias temático-figurativas do descrédito em relação ao ator idoso, embora seja um sentimento discursivizado por meio do humor.

Presentifica-se uma exacerbação do fingir parecer idoso, conforme sinalizam as configurações discursivas anteriormente observadas, de forma que, por meio da isotopia temático-figurativa, o enunciador tece o simulacro sobre o idoso. A isotopia, definida por Bertrand (2003, p. 153) como “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”, nos faz perceber como os interlocutores vão construindo discursivamente a imagem do idoso marcada pelo riso, pelo deboche, pelo preconceito.

Os percursos isotópicos identificados convergem entre si, de modo a produzir a coerência semântica do dizer. Para Greimas e Courtés (2016, p. 278), “a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que permite elidir ambiguidades”. O humor é um dos

mecanismos que fundamentam a criação das isotopias e as relações intersubjetivas no *corpus*.

Na Figura 4, o núcleo isotopante figurativo do segmento visual é a própria imagem do celular que, no segmento verbal, se relaciona ao nome do aplicativo WhatsApp. No bojo das variações temático-figurativas, subjaz o tema nuclear que consolida as vicissitudes da velhice. O tom humorístico dos enunciados adensa uma imagem ingênua do idoso pelo fato de dizer que um celular é novo, por ainda não ter 30 anos de uso. O celular, com formato antigo, em desuso e quase sem circulação atualmente, está relacionado semioticamente à construção da imagem de um idoso desatualizado. Os atores constroem um discurso que brinca com os valores do mundo, uma vez que o dizer converge para o riso e para o sarcasmo. Para os atores, figurativizados como internautas jovens/não idosos, o idoso ocupa um lugar fixo no mundo — no enunciado e na enunciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da imagem sobre o idoso é tecida por um enunciador coletivo lúdico que, de certa forma, dá ritmo ao movimento de construção da imagem-fim projetada para o ator idoso, a partir das marcas inscritas no discurso. Deprendemos um enunciador que se constitui no ato de enunciar e nas marcas enunciativas que remetem ao já-dito, à convocação da práxis enunciativa. No *corpus*, o “sentido já-dado” está incorporado e ajustado recorrentemente aos modos de dizer do enunciador mediante a convocação da práxis enunciativa.

Partindo de dizeres que emolduram uma memória cultural e social em relação à imagem do idoso, o ator coletivo institui um tom cômico, trazendo à práxis enunciativa implícitos culturais apreendidos na ordem de um regramento para o ato de enunciar. O fazer parecer idoso legitima o jogo veridictório do fingir. Os interlocutores esforçam-se para um parecer e não ser (mentira) tanto nos segmentos visuais quanto nos segmentos verbais dos textos-enunciados.

O enunciador vincula a imagem do idoso ao passado e a algumas práticas presentificadas no discurso, asseverando uma desigualdade historicamente construída entre o ser jovem/não idoso e o ser idoso, e supervalorizando, por pressuposição, ainda mais a juventude e a fase adulta.

A velhice é tratada de forma desrespeitosa. O próprio ato de fingir a fala e a escrita do idoso já subverte o lugar dele, uma vez que não lhe é dada voz. Mediante tal parâmetro, os simulacros sobre o idoso, tecidos na página do grupo, ganham estatuto de uma imagem-fim que se estende ao próprio objeto semiótico da relação intersubjetiva, ou melhor, daquele que fala ou daquele de quem se fala. A imagem-fim construída para o idoso internauta não só leva em conta as práticas da interação (por exemplo, imitar a escrita do idoso), como também outras práticas que são convocadas do imaginário cultural pela práxis enunciativa.

O modo como o enunciador-fingidor percebe, sente e axiologiza o idoso sinaliza uma identidade discursiva que está apoiada na justa medida das coisas do mundo, misturando às vezes estereótipos da velhice com os da pobreza como forma de discursivizar o idoso internauta mediante uma lógica que exacerba e tonifica as estratégias de naturalização do preconceito contra o idoso.

Salientamos que este exercício de análise não tem a pretensão de se constituir como um estudo acabado, fechado em si mesmo, mas está aberto a contribuições que a própria complexidade do objeto impõe. Esperamos ter desvelado como o sujeito idoso está discursivizado pelas regularidades do dizer, que, de certa forma, remetem à visão limitadora que determinados segmentos da sociedade têm sobre o idoso.

The construction of the elderly's image on Facebook: a reflection in the light of enunciative praxis

Abstract

Assuming that the internet subject has the illusion of freedom, being able to forge and imitate other subjects, we analyze how the collective actor of the “Group page where we pretend to be elderly people confused by technology”, in the practice of online interaction on Facebook, constructs and disseminates simulacra about the elderly. To achieve this, we draw on the theoretical and methodological framework of French discursive semiotics and its practical applications, drawing on representatives such as Bertrand, Barros, Discini, Fiorin, Fontanille, Zilberberg, Greimas and Courtés. The corpus was extracted from the aforementioned group page, as it mobilizes a large number of followers and presents posts that condense simulacra about the elderly, using humor as a discursive strategy. In our analysis, we observed the construction of an exacerbated image that dysphorically sanctions elderly internet users, as they are seen and

perceived by the collective actor as individuals conditioned by their lack of know-how: their inability to operate technologies, their association with illnesses, and their lack of digital literacy. All of these reinforce strategies that naturalize stereotypes and prejudice against elderly internet users.

Keywords

Enunciative praxis. Facebook. Elderly.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, FFCH/USP, 2002.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.
- BERTRAND, D. Énonciation: cheville ouvrière ou point aveugle d'une théorie du sens? *In: COLAS-BLAISE, M.; TORE, G. M. Le sens de l'énonciation*. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 3 out. 2003.
- CALIXTO, D. Cultura de participação. *In: ARAÚJO, M. D. V.; FRADE, I. C. A. da S.; MORAIS, L. M. (org.). Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital*: NEPCED na escola. Belo Horizonte: UFMG, FaE, Ceale, NEPCED, 2022. p. 72-73. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://nepced.fae.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/09/Ebook-Termos-e-aco-es-didaticas-sobre-cultura-escrita-digital-%E2%80%93-NEPCED-na-escola-_compressed-1.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.
- DISCINI, N. *O estilo nos textos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FACEBOOK. *Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos/>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- FIORIN, J. L. Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. *Cruzeiro Semiótico*, Porto, n. 16, p. 55-63, 1992.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FONTANILLE, J. L'analyse des pratiques: le cours du sens. *Protée*, v. 38, n. 2, p. 9-19, 2010. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/file:///C:/Users/risid/Downloads/Dialnet-SemioticaDiscursivaEComunicacao-6748456.pdf>. Acesso em: 4 mar 2025.

FONTANILLE, J. Niveaux de pertinence et plans d'immanence: signes, textes, objets, pratiques, stratégies et formes de vie. In: FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 17-112.

FONTANILLE, J. Práxis e enunciação: Greimas herdeiro de Saussure. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 986-1004, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a968>. Acesso em: 20 out. 2020.

FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Tradução Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas, FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2016.

NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Imaginário cultural e persuasão em textos publicitários. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004. p. 191-202.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Década do envelhecimento saudável nas Américas (2021-2030)*. Washington, D.C.: Opas, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>. Acesso em: 20 nov. 2024.